

AS RAÍZES RURAIS DA FORMAÇÃO URBANA PARANAENSE*

Yoshiya Nakagawara Ferreira**

Apresentamos a seguir as principais idéias e procedimentos, na condução de uma Pesquisa em execução por uma equipe interdisciplinar, cuja preocupação maior é estudar o processo de formação urbana paranaense.

Na primeira etapa do trabalho, está sendo desenvolvida uma análise acerca das raízes dessa formação, a partir dos processos de incorporação da região à economia capitalista, que se acentua na década de 1960.

1. INTRODUÇÃO

O Estado do Paraná hoje ocupa um lugar de destaque, principalmente pela produção agropecuária atrelada ao crescente papel desempenhado pelas Cooperativas. A partir dos anos 70, a industrialização começa a liderar o crescimento econômico do Estado, passando de 22,72% da renda interna em 70 para 33,94% em 1980⁽¹⁾. Por outro lado, a agricultura, que partici

* Projeto Integrado de Pesquisa aprovado pelo CNPq e CPG/Uel.

** Coordenadora do Projeto. Participam do Projeto as Professoras: Lélia Ferreira; Rosa Figueiredo Salvi e Evandir Codato e os bolsistas pelo CNPq: Carmem Arias Cristina Uyeoka e o acadêmico Paulo H. M. Brambilla. Na 1ª etapa, colaboraram Tânia Maira Fresca, Cláudia Melatti e Levon Boligian.

pava com 23,32% da renda interna paranaense em 1970 e se manteve com maior importância que a indústria até 1975, (2) chega em 1980 gerando apenas 16,41% desta renda.

Quando se analisa o processo de evolução demográfica e econômica do Paraná, pode-se observar a rapidez das transformações sócio-espaciais, refletindo na estrutura agrária, urbana e industrial, como consequência das mudanças nas relações sociais de produção. Nesse processo de rápida organização econômica, precedida de vários empreendimentos privados e públicos, na ocupação e valorização territorial, houve uma intensa mobilidade espacial da população, retratando a força e a capacidade de penetração capitalista no campo e na cidade. Esse processo deixou profundas marcas, tanto no espaço, quanto na sociedade.

Se hoje, o Paraná conta com aproximadamente 10 milhões de habitantes, com cerca de 70,00% distribuídos na área urbana. até 1970, apenas 36,06% da população era urbana. Considerando que no início deste século, o Paraná contava com cerca de 300.000 habitantes, numa extensão de 200 mil km², era um Estado praticamente desabitado, mas hoje, pode ser considerado "(...) como uma unidade integrada ao processo sócio-econômico polarizado pela metrópole paulista, em cujo sistema se insere como uma das mais importantes áreas periféricas de complementação econômica" (3).

2. ANTECEDENTES

Na pesquisa realizada por Nakagawara (1979) (4) resgatou-se, através de 75 cartas temáticas elaboradas, os movimentos demográficos no Paraná e a

Questão Agrária, de 1900 a 1975, fornecendo importantes subsídios para o presente projeto. A pesquisa demonstrou que a cultura cafeeira foi, sem dúvida, o agente mais expressivo na formação e evolução sócio-econômica do Estado.

A área de estudo - Paraná -, permite muitos tipos de abordagens devido à complexidade e ao universo de realidades, conforme colocou Nakagawara, "(...) quer sócio-econômicos, quer ecológicos, políticos, antropológicos, etc. Entretanto, a gênese dos processos e dos problemas sempre se inscreve como de caráter mais amplo e global, ligados aos processo de formação e evolução socio-econômica do Brasil⁽⁵⁾".

A exemplo de outros Estados brasileiros, há uma desigual distribuição da população, tanto rural como urbana, embora o Norte do Estado se caracterize pela maior concentração espacial; essa desigualdade reflete as distintas etapas de povoamento mas principalmente é um reflexo das relações de produção vinculadas à expansão econômica procedente do nordeste paranaense, via Ourinhos, como prosseguimento do fenômeno chamado frentes de expansão paulista.

O Norte do Paraná, é "(...) uma das áreas mais recentes incorporadas à expansão e crescimento da macro-região Centro-Sul do país. Fazendo parte do segmento de apropriação do solo, iniciado sobretudo a partir do Nordeste paranaense, na direção leste-oeste, noroeste e sudoeste, como continuidade do processo de povoamento paulista, encontrou-se na década de 1950, com uma outra grande corrente migratória proveniente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina"⁽⁶⁾, em direção norte, fixando-se no sudoeste paranaense.

Assim como a cultura cafeeira promoveu uma rápida expansão da formação sócio-econômica paranaense, tendo iniciada uma integração territorial, sobretudo no Norte do Paraná, mas com irradiações e influências

econômicas em todo o Estado, as grandes mudanças que se iniciaram a partir da década de 60, com a desarticulação espacial e social pelas transformações que ocorreram nas relações sociais de produção, seu reflexo foi imediato nas cidades norte-paranaenses.

Desvendar os caminhos das frentes pioneiras, estudando a formação sócio-econômica das diversas regiões paranaenses, com a intenção de clarear as raízes do urbano, é uma tarefa que instiga o estudioso a conhecer melhor a sua realidade.

3. PROBLEMATIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Trabalhos anteriores⁽⁷⁾ demonstraram a interinidade do sistema urbano norte-paranaense, bem como a influência distinta desta interinidade, dependendo do tamanho urbano e da sua função nessa rede. A vinculação rural-urbana mostrou-se sempre muito forte, desde a implantação de projetos de colonização em extensa área de mata virgem, como era o Norte do Paraná, até a sua ocupação de forma intensa nos últimos 50 anos.

Na formação urbana norte-paranaense, fatores como implantação de projetos privados e oficiais de ocupação urbana e rural, a distância dos "pontos urbanos", em relação ao principal eixo de circulação da região, os tipos de solos (basalto decomposto "terra-roxa" ou arenito), ou a época do assentamento populacional e formação espacial, influenciaram muito na caracterização, função e elaboração do urbano, mediada pelas relações sociais de produção.

Nos últimos 20 anos, com o agressivo desenvolvimento capitalista na região e mudanças estruturais na vida agrária, iniciou-se um processo de desestruturação rural, calcada anteriormente na

cultura cafeeira (intensa utilização de mão-de-obra rural, com muita participação de meeiros, arrendatários e pequenos produtores rurais) para o denominado "binômio soja-trigo".

Esta mudança trouxe consequências diretas para as cidades e para todo o sistema urbano, ocasionando uma intensa migração rural-urbana e urbana-urbana, com reflexos na estrutura econômica das cidades, com alterações nas suas atividades comerciais e de serviços, e, por extensão, alterando-se a estrutura urbana das cidades. (8)

Resgatar de forma sistemática todo o processo de ocupação, estruturação e desestruturação para uma nova adaptação urbana, será certamente instigante e (9) das principais finalidades do trabalho em andamento.

Assim, o objetivo geral é compreender o processo de formação urbana do Paraná, assinalando-se alguns objetivos específicos, a seguir:

- Estudar as raízes da urbanização a partir da estrutura agrária que se estabeleceu no Paraná;
- Caracterizar os processos de diferenciação urbana, e o seu papel na estruturação sócio-econômica paranaense;
- Estudar os agentes privados e públicos na configuração espacial.

4. O ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA-PROCEDIMENTOS GERAIS

Pretende-se estudar inicialmente, os fatores externos ao processo de formação da rede urbana paranaense, que influenciaram a sua configuração

inicial. Neste particular, a direção dos grandes movimentos migratórios internos ocorridos no Sudeste e na Região Sul, movidos pelas mudanças produtivas em áreas de estrutura agrária estagnadas e oportunidades de trabalho em áreas de fronteiras de expansão e crescimento foram certamente que impulsionaram esses movimentos. O Norte do Paraná foi uma das áreas de grande afluxo demográfico, procedente do Nordeste, dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (10).

Paralelamente, muitas empresas estrangeiras como inglesa, japonesa e alemã, organizaram projetos de colonização no Norte do Paraná, a partir da década de 1930; ocupações baseadas em pequenas propriedades (10, 20 alqueires paulistas) baseadas na cafeicultura. Esta atividade exigia muita mão-de-obra, e, durante o ano inteiro, em várias atividades (11) vinculadas à cafeicultura e culturas intercaladas.

Pretende-se estudar as relações que as cidades mantinham com o campo, incluindo-se os pontos de apoio dos distritos e pequenos povoados, hoje inexistentes praticamente, devido a mudanças ocorridas na estrutura das relações de produção, no uso do solo e na "modernização" agrícola, introduzida pela cultura da soja principalmente. A partir dos meados da década de 60, o papel das cidades pequenas e médias norte-paranaenses sofreu um processo de diminuição demográfica, acompanhando o campo.

Pretende-se ainda (12) estudar o processo de reestruturação urbana, introduzida com as modificações nas relações de produção, na tentativa de verificar as relações que as cidades desempenham em diferentes épocas tentando determinar os tipos e as causas dessas mudanças.

A estruturação, evolução e a caracterização da economia regional foram responsáveis na determinação

dessas relações, esboçando ou reforçando as redes de cidades, ténues ou definindo determinados eixos urbanos, influenciando no tamanho urbano.

Ainda, sabe-se que "(...) o espaço mais visível da estratégia capitalista em sua transformação do 'mundo rural' é o da 'integração com subordinação' da agricultura com a indústria"⁽¹³⁾. Assim, do campo emigram os expropriados, como aconteceu no Norte do Paraná, a partir da introdução de novos sistemas de produção ou seja, a da modernização técnica da produção. Da cidade e da indústria, saem o capital mercantil que se torna produtivo na exploração capitalista da terra e nos novos meios de produção necessários ao aumento da produtividade agrícola⁽¹⁴⁾. Esse duplo movimento repercute no campo e na cidade.

Captar as relações cidade/campo nesta fase monopolista do capitalismo será uma das importantes tarefas deste projeto.

Lobato Correa (1989)⁽¹⁵⁾, na sua obra "O Espaço Urbano", observa que as diferentes taxas de crescimento demográfico trazem várias implicações, e que em várias partes do Brasil há numerosos exemplos de cidades na "fronteira agrícola" que apresentam taxas de crescimento muito elevadas. Este foi o caso do Norte do Paraná, principalmente na sua fase de incorporação de terras para as frentes de expansão pioneira, das décadas de 30 a 60.

As fontes de informações serão o próprio campo, através de entrevistas que serão realizadas junto aos cafeicultores pequenos, médios e grandes, as várias categorias de trabalhos rurais, os chamados "maquinistas" de café, as cooperativas de café, outras cooperativas agropecuárias, sociedades rurais do Paraná, projetos de colonização, prefeituras municipais, e os censos do IBGE, como fontes secundárias poderão subsidiar os dados a serem levantados.

No bojo das questões aqui colocadas, atinentes à cidade e ao urbano, remetem aquelas concernentes ao espaço e a sua produção. Como Lefebvre colocou exaustivamente em "Espaço Y Política" e "La production de l'espace" (16), como também várias reflexões no campo teórico ou empírico, realizadas pelos geógrafos e outros estudiosos.

5. PREOCUPAÇÕES TEÓRICAS QUE SUBSIDIARÃO O PROJETO

Do ponto de vista teórico-metodológico, pretende-se pensar o processo urbano paranaense a partir do espaço geográfico enquanto "acumulação desigual de tempos" (Milton Santos), o que nos leva a pensar na perspectiva da historicidade dos vários processos que ocorreram ao longo do período a ser estudado. Esses processos envolvem a articulação entre espaços/lugares e relações específicas de produção que se concretizam espacialmente, a partir da divisão social do trabalho, e do outro lado, os movimentos migratórios que ocorreram com grande intensidade nas décadas de 60 e 70 no Paraná, daí decorrentes, criando um novo quadro espacial.

A perspectiva da análise se preocupa na articulação entre os processos vividos no Paraná com aqueles percebidos no espaço nacional, visto que a preocupação do espaço (urbano-industrial e rural) só pode ser entendida a partir de uma inter-relação mais ampla. O processo industrial e a questão da modernização tem um papel relevante na generalização do processo urbano paranaense, que desponta a partir da modernização agrícola, observada com as mudanças da cultura cafeeira (perene) para as culturas da soja/trigo (temporárias). Com os investimentos no setor, a indústria passa a dominar o processo de

produção agrária, transformando o quadro urbano; algumas cidades entram em decadência, enquanto outras, principalmente as denominadas capitais regionais, também chamadas de cidades médias, se firmam como centros urbanos importantes, implicando numa nova dinâmica da rede urbana.

O caminho da modernização implica numa nova lógica espacial, e parte para uma nova relação agricultura-indústria-produção do espaço urbano nos marcos do processo de acumulação capitalista. Nesse aspecto o papel do Estado é relevante para o entendimento da questão.

Colocadas essas linhas gerais como preocupações, e, tratando-se de um trabalho geográfico, mas com uma abordagem que privilegia a interdisciplinaridade, retomemos algumas questões teóricas que estarão se interpondo durante a execução da Pesquisa.

Milton Santos⁽¹⁷⁾ observa que "(...) o estudo da urbanização no Terceiro Mundo deve esforçar-se por explicar ao mesmo tempo as causas e as condições atuais do fenômeno, paralelamente com as suas formas espaciais assim como as consequências e as possibilidades de planejamento." E, prossegue afirmando que é importante a construção de uma teoria "explicativa e de uma teoria da ação", na busca de uma "(...) teoria coerente baseada nas atuais relações com os centros dominantes da economia capitalista." E reafirma ainda que "A cada período da história corresponde uma mudança estrutural e organizacional, e a urbanização apresenta características particulares e requer uma definição nova."⁽¹⁸⁾

A compreensão da organização do espaço estará sempre subjacente em qualquer trabalho geográfico,⁽¹⁹⁾ lembrar as colocações de Maurício de Abreu (1991) é oportuno: "O espaço não é exterior à sociedade (positivistas ou neopositivistas), isto é, a noção

Kantiana de espaço absoluto da Geografia Tradicional ou na noção de espaço relativo, topológica, da neo-positivista."

Essa assertiva é complementada pelo autor⁽²⁰⁾, quando observa que, "(...) já que é produto da sociedade, o espaço geográfico irá refletir tanto a sua estrutura como a sua dinâmica (...) e, como é da sociedade que o espaço geográfico recebe a sua forma e o seu conteúdo, a sua compreensão total só será possível se estiver acoplada à compreensão da sociedade. Esta, por sua vez, não é imutável. Daí, toda a compreensão que obtemos do espaço será sempre e necessariamente historicamente determinada, isto é, estará sempre relacionada ao grau de desenvolvimento a que chegaram, nessa sociedade, as forças produtivas, as relações de produção, e a cultura."⁽²¹⁾

Prosseguindo suas colocações, ilustra Maurício de Abreu que, "(...) sendo o processo de produção do espaço que é, ao mesmo tempo histórico e social, ele não apenas está sempre em movimento, como expressa, a cada passo de sua trajetória, as determinações sociais presentes naquele momento. Em outras palavras, estão nele incorporadas, a cada momento, as relações de classe então vigentes na sociedade, os conflitos de interesses e de objetivos daqueles que a constituem, e os diversos valores que estruturaram a sua cultura."⁽²²⁾

Assim, entender a produção do espaço exige, pois, o entendimento prévio de cada momento de desenvolvimento da sociedade, e é por esta razão que assume importância fundamental, na Geografia Crítica, as categorias modo de produção e formação social.

Encerrando esta parte, não poderia deixar de lembrar Henri Lefebvre, sociólogo e filósofo francês, que se coloca, nas palavras de Edward Soja (1983)⁽²³⁾,

entre os principais restauradores do papel desempenhado pelo espaço, advindo não do âmbito das idéias, mas da própria vida material humana. Foi ele o primeiro a enfatizar o papel da espacialização no contexto social, ao afirmar que o capitalismo tem sobrevivido pela produção de seu espaço. Determinada historicamente, a espacialidade seria, assim, a expressão material das relações sociais.

Uma outra idéia que sempre acompanha a noção de espaço, é a noção de tempo na Geografia. Com apenas uma frase, Vezentini (1992)⁽²⁴⁾ explicita a importância da noção de tempo: "o tempo histórico não linear, mas sim 'descontínuo e heterogêneo'"

Nesta multiplicidade de linhas de pesquisa, uma será de relevância para a região norte-paranaense, que é a questão da fronteira de penetração demográfica e econômica, no início deste século. Estamos falando de Bertha Becker (1974, 1976, 1977, 1982 e 1983)⁽²⁵⁾. Em vários de seus trabalhos, tratando da Amazônia, encontramos uma certa identificação com a realidade paranense, embora sejam áreas diferentes e épocas distintas, suas indicações sobre a articulação existente entre Estado, fronteira e urbanização, encontram eco na área de estudo.

Nakagawara (1981)⁽²⁶⁾, quando estudou a interdependência entre as questões agrárias e urbanas no Norte do Estado, constatou que as indicações de Becker sobre a origem do fenômeno urbano numa fronteira de recursos, tomando como modelo o crescimento urbano na área Belém-Brasília, foram também observadas no Norte do Paraná, das décadas de 30 até 60-70⁽²⁷⁾.

Becker (1984)⁽²⁸⁾ afirma que "(...) a fronteira não é um fenômeno isolado. Ela é definida em relação a um espaço estruturado e sua potencialidade alternativa é circunscrita a limites impostos pela formação social

em que se situa."

A autora propõe um enunciado, onde diz que "O núcleo urbano é a base logística da ordenação territorial na fronteira", pois, o mercado de trabalho estaria na estruturação desses núcleos urbanos, e, sendo "pontas de lança" para a ocupação do Território, passam a ser um fator de mudança, adquirindo embrionariamente possibilidades de crescimento autônomo e de influir na transformação regional.

6. O INTERESSE DO TEMA

No limiar do século XXI, onde os meios de comunicação e a difusão das técnicas procura cada vez mais padronizar informações e comportamentos, mas cuja era não consegue sequer minimizar problemas mais elementares como a fome, a educação, habitação, para citar apenas os mais elementares direitos do homem, os estudiosos das ciências sociais têm a obrigação de debruçar com mais intensidade sobre os nossos problemas, para trazer à tona as causas e os processos que levaram a humanidade ao atual estágio desumano neste planeta.

Ao geógrafo, cabe a tarefa de, junto com estudiosos de outras áreas, buscar soluções para melhorar a qualidade de vida do homem e do seu ambiente, denunciando formas, sistemas ou ações que levam os homens à falta de solidariedade, para com a sociedade onde eles estão inseridos. Esta tarefa só é possível com o aprofundamento interdisciplinar dos problemas.

Na comunicação mundializada, na economia sem fronteiras, comandada pela acumulação nos padrões de

consumo e de comportamento impostos pela mídia juntamente com o poder político-econômico, o estudo da urbanização do Terceiro-Mundo "(...) deve esforçar-se por explicar ao mesmo tempo, as causas e as condições atuais do fenômeno, paralelamente com as suas forças espaciais (...)", ensina Milton Santos.

Na realidade, o geógrafo e estudiosos da área de Ciências Sociais, não têm sido capazes de acompanhar e fazer frente às grandes mudanças ocorridas nestas duas ou três décadas, principalmente nos países do Terceiro Mundo, pois a rapidez da multiplicação das técnicas cada vez mais distantes da realidade desses países, criando e recriando necessidades cada vez mais antagônicas, apoiadas na terceirização amarrada a uma organização com métodos e sistemas próprios, conduz à emergência de reformulação dessa problemática.

Colocadas estas questões gerais sobre a importância e a urgência em acompanhar o processo de organização e reorganização do espaço, estamos não só apresentando o interesse do tema, como também justificando a relevância do estudo da temática urbana na atualidade.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Incluindo a construção civil.
- 2 - BRAGUETO, Claudio Roberto. O processo de industrialização do Paraná.. 1992 (trabalho mimeo, de circulação interna), p. 46, de 64 p.
- 3 - NAKAGAWARA, Yoshiya. Movimentos demográficos no Paraná e a questão agrária. 1900-1975. v. 2 -cartas.

- 4 - Ibidem, p.1.
- 5 - Ibidem, p. 17 e seguintes.
- 6 - Ibidem, ibidem.
- 7 - Podem ser citados, por exemplo, os abaixo relacionados:
- 7.1 - NAKAGAWARA, Y. Transformações estruturais regionais in: Aglomerado urbano Londrina-Maringá. item 2.3.2, p. 73 e seguintes. UEL/UEM/SEPLAN, 1982.
- 7.2 - _____. Formação e características da rede urbana norte-paranaense. in: Aglomerado urbano Londrina-Maringá. p. 154 e seguintes. UEL/UEM/SEPLAN, 1982.
- 7.3 - CAMARA, Marcia Regina Gabardo da. Transformações agrícolas e êxodo rural no Parana na década de 70. Dissertação de Mestrado apresentada à USP - São Paulo, 1985.
- 7.4 - CANCIAN, Nadir Ap. Cafeicultura paranaense 1900-1970. Estudo de conjunturas. Tese de Doutorado apresentada à USP - São Paulo, 1977, 497 p.
- 7.5 - IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. As migrações e a transformação da estrutura produtiva e fundiária do Parana. Curitiba, 1983. 81 p.
- 7.6 - PADIS, Pedro Calil. O Paraná, uma visão de conjunto. in: Formação de uma economia periférica: o caso paranaense. São Paulo, 1970.
- 7.7 - IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Consequências sociais das transformações tecnológicas na agricultura do Parana.

Curitiba, ago. 1985.

7.8 - BECKER, Bertha (1973), no estudo sobre a origem do fenômeno urbano na área de Belém-Brasília, discorre sobre o surgimento e crescimento ou estagnação, questionando a estabilidade do povoado nessa região como também o problema da justiça social. Segundo seu estudo, as incipientes formas de urbanismo constituem a base local de ocupação, elo de uma grande cadeia que mobiliza o excedente em favor da classe mais poderosa e suas expressões - as metrópoles (nacionais e internacionais).

8 - Veja-se por exemplo, algumas dessas publicações sobre o assunto:

8.1 - CODESUL. Formação do capital na agricultura paranaense. 1979, 50 p.

8.2 - SHIKI, S. Le Soja dans l'implication du capitalisme dans une region du Bresil: les cas du Parana - Centre international de Hautes Études Agronomiques Méditerranéennes. De Montpellier. 1983. 261p. (thèse présentée en vue de l'obtention du Diplôme de hautes Etudes du C.I.H.E.A.M.).

8.3 - NAKAGAWARA, Y. et alii. questões agrárias e urbanas. interdependência e subordinação: o caso norte-paranaense. Terra e Cultura 1(1):94-115. jan. 1981.

8.4 - FERREIRA, Yoshiya Nakagawara. Urbanização e industrialização no Parana. Revista Geografia. Depto. de Geociencias. Londrina, n. 3, 1987.

8.5 - FLEISHFRESSER, Vanessa. A modernização tecnológica da agricultura paranaense na década de 70: difusão, contrastes regionais e consequências sócio-econômicas. 318 p. tese de mestrado,

- 9 - Dos 290 municípios recenseados em 1980, cerca de 60%, isto é, 170 municípios apresentaram menos população residente, se comparada com os resultados de 1970 (Nakagawara, Y. Movimentos demográficos do Parná. v. 2. Londrina-UEL, 1981).
- 10 - NAKAGAWARA, Y. *ibidem*, referência 8.3, acima. p. 97 e seguintes.
- 11 - Idem, Movimentos demográficos e questão agrá. Universidade Estadual de Londrina, 1979, 91 p.
- 12 - FERREIRA, *ibidem*, ref. 8.3 acima.
- 13 - COSTA, Wanderley Messias. O modo industrial de produzir o campo: um aspecto atual da modernização capitalista. Orientação. IGUSP, Depto. de Geografia, n. 8, p. 63-69.
- 14 - *Ibidem*, p. 65 e seguintes.
- 15 - CORREA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo, Ática, 94 p. (p. 81 e seguintes).
- 16 - LEFEBVRE, Henri. Espacio y política. El derecho a la ciudad, II. Ed. Península. Barcelona, 1976, p. 157 e seguintes e La production de l'espace. Paris, Ed. Anthropos. 1978.
- 17 - SANTOS, Milton. A caminho de uma teoria substantiva da urbanização. Revista Orientação, n. 6, 1985, I.G./USP, 81-84, p. 81.
- 18 - *Ibidem*, p. 81 e seguintes.
- 19 - ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação (Contribuição à história do pensamento

geográfico brasileiro. (texto mimeo, circulação restrita).

- 20 - Ibidem, p. 45 e seguintes.
- 21 - Ibidem, ibidem.
- 22 - Ibidem, ibidem.
- 23 - SOJA, Edward. Uma concepção materialista da espacialidade, in: Abordagens políticas da espacialidade: Becker, Bertha e outros. UFRJ, 1983, p. 22 a 74.
- 24 - VEZENTINI, José Wiliam. Para uma geografia crítica na escola. São Paulo: Ática, 1992. 135 p., p. 6.
- 25.1 - BECKER, Bertha Koiffman. Amazônia na estrutura espacial do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, 36(?):3-36. abr./jun. 1974.
- 25.2 - _____. Uma hipótese sobre a origem do fenômeno urbano numa fronteira de recursos do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, 49(1):111-122, jan./mar. 1976.
- 25.3 - _____. A implantação da rodovia Belém-Brasília e o desenvolvimento regional. Anuário do Instituto de Geociências. UFRJ, Rio de Janeiro, 156 p. 1977.
- 25.4 - _____. Agricultura e desenvolvimento no Brasil: a expansão da fronteira agrícola. In: Geopolítica da Amazônia. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- 25.5 - _____. O estado e a questão da terra na fronteira. in: Geopolítica da Amazônia. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- 25.6 - _____. A fronteira em fins do século XX: oito posições para um debate sobre a Amazônia. Encontro de Geografia Agrária, Uberlândia (12)

- versão) e Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais (NERU), Repensando o Brasil pós-60. São Paulo, 1983.
- 25.7 - BECKER, B. K.; MACHADO, L.O. Mobilidade do trabalho na Amazônia: uma contribuição geográfica. In: AGB. Boletim Carioca de Geografia, ano XXXII, 26-50, 1982.
- 26 - NAKAGAWARA, Yoshiya. Questões agrárias e urbanas. interdependência e subordinação o caso norte-paranaense. Terra e Cultura, ano 1, n. 1. jan. 1981. 93-115.
- 27 - Ibidem, p. 109 e seguintes.
- 28 - BECKER, Berta Koiffman. A fronteira em fins do século XX - proposição para um debate sobre a Amazônia. Espaço & Debates, São Paulo, ano IV, n. 13, p. 58-73, 1984 (ed. especial), p. 59.